



## EM BUSCA DAS CATEGORIAS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

DEÁK, CSABA. SÃO PAULO: ANNABLUME, 2016. 204 p.  
ISBN: 978-85-391-0766-7

João Sette Whitaker Ferreira

### *EM BUSCA DAS CATEGORIAS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO, UMA RESENHA*

A teoria é, em essência, a capacidade de sistematizar e interpretar um olhar sobre o mundo, a partir de um método rigoroso e exaustivo. Disciplinas como a do planejamento urbano, eminentemente aplicadas, muitas vezes levam a reflexões que, embora tenham também grande importância, não aprofundam o exercício teórico, pois amarradas nos desafios propositivos imediatos que nos colocam as políticas públicas. Felizmente, a FAUUSP conta ainda com intelectuais capazes de uma prática teórica rigorosa e profunda, e Csaba Deák é um deles, com destaque.

Seu livro *Em busca das categorias da produção do espaço* culmina longa e coerente trajetória de reflexão, oferecendo, a partir de algumas categorias fundamentais, instrumentos para uma compreensão extremamente sofisticada não só do urbano, mas do mundo em que vivemos. Csaba Deák é daqueles para quem o século XX deu a inestimável chance – nem por isso, porém, fácil – de viver e ver o mundo desde vários ângulos, do socialismo ao subdesenvolvimentismo periférico, passando pela realidade do capitalismo dito “desenvolvido”. Mesmo que o texto seja agradável, não espere uma leitura leve. Como bom teórico, Deák faz parte daqueles para quem cada palavra é fruto de cuidadosa reflexão. A leitura, portanto, não pode dar atenção menor a nenhuma delas. O resultado, entretanto, é de uma consistência incomum.

A obra se divide em duas partes: uma primeira, com as categorias teóricas que darão sustentação à segunda, em que o autor ensaia interpretações sobre a formação brasileira, pelo viés econômico mas com suas consequências sobre o espaço urbano, e sobre o mundo e a atual crise global. Na minha leitura, porém, tendo a ver uma divisão ternária. Primeiro, a discussão teórica que começa na questão da renda da terra mas ganha toda sua plenitude na conceituação da *localização*, categoria essencial para compreender o processo de produção do espaço no âmbito do capitalismo. A segunda parte é aquela que se debruça – apoiando-se evidentemente nos princípios teóricos da

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.v23i41p104-107](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.v23i41p104-107)

Pós. R. Progr. Pós-Grad. Arquit. Urb. FAUUSP, São Paulo, v. 24, n. 42, p. 104-107, 2017

*localização* – sobre a formação nacional e as características do urbano no subdesenvolvimento ou, usando a terminologia do autor, no contexto de uma sociedade de elite de economia entravada. A terceira lança uma reflexão na escala global, para entender o quanto essa formação própria à nossa sociedade faz parte da histórica condição *desigual e combinada* do capitalismo mundial, e o quanto, no fim, o círculo se fecha, em uma análise sobre a cidade de São Paulo e sua suposta condição “global”.

Csaba Deák inicia a trajetória teórica com uma ousadia, perpetrada em seu doutorado: a crítica à Teoria da Renda da economia política, que para nós urbanistas ganha uma dimensão ainda mais significativa quando se desdobra na rejeição à teoria da Renda da Terra, abrindo caminho para o conceito de *localização*. Há quem possa dizer que isso é uma blasfêmia à reflexão marxista, já que, se levarmos a fundo o raciocínio de Deák, chega-se a questionar a própria Teoria do Valor. Não penso dessa forma: prefiro entender a reflexão do autor como uma correta adaptação à realidade atual de categorias econômicas pensadas há cerca de dois séculos – em um estágio de desenvolvimento do capitalismo completamente diferente do de hoje. De fato, Deák mostra que pressupostos pensados por Marx no contexto da Inglaterra pós-restauração monárquica de 1660, regida por uma sociedade de três classes (a Fórmula da Trindade), perdem o sentido no capitalismo do Séc. XX. Mais do que isso, o autor vai mostrar que os pressupostos econômicos da Teoria da Renda ricardiana, sobre os quais Marx baseou-se, são também frágeis (o que o próprio Marx, sabe-se, chegou a admitir).

Para muitos, essa discussão econômica pode parecer um tanto hermética. Como já escrevi a respeito<sup>1</sup>, para mim é o que dela se desdobra, o conceito de *localização*, a única forma que permite de fato superar antagonismos teóricos do conceito de renda da terra – que o tornaram um tanto inócuo – para chegar a uma categoria realmente funcional para a compreensão do urbano hoje. Localizações são estruturas físicas, apoiadas (eventualmente) sobre o solo, cujas propriedades específicas – incluindo o seu preço – derivam de sua posição no espaço urbano, essa superestrutura de redes, vias e serviços que as interliga. Assim, o espaço (e não a terra) é produzido socialmente, e as localizações individuais que decorrem dessa produção são mercadorias colocadas no mercado, tendo seu preço estabelecido pela competição capitalista. A ideia da renda da terra, obtida da propriedade individual de uma porção do território, não resiste a essa conceituação de constante transformação do espaço “como um todo”.

A segunda reflexão de Deák que destaco neste livro é a já clássica interpretação sobre a formação econômica do Brasil e sua lógica da *acumulação entravada*, inserindo-a em uma periodização do capitalismo bem diferente da marxista (primitivo/concorrencial; monopolista; monopolista de Estado/imperialista), baseada nos estágios de desenvolvimento extensivo, intensivo e de crise<sup>2</sup> que, de maneira inédita, o autor relaciona com os níveis de reprodução da força de trabalho, por um lado, e por outro com as formas ideológicas a que correspondem, o liberalismo, a social-democracia e o neoliberalismo. Neste livro, Deák aprofunda as explicações desse modelo, permitindo clara compreensão não só do mundo no capitalismo, mas especialmente das características peculiares do Estado e da sociedade brasileiros, alinhando-se – o que é uma grande virtude – com clássicos da interpretação da formação nacional, como Florestan Fernandes ou Chico de Oliveira.

<sup>1</sup> Ver a respeito João S.W. Ferreira, “Notas sobre a visão marxista da produção do espaço urbano e a questão da renda da terra”, in: *Sistematização crítica da produção acadêmica*, Tese (Livre-Docência), Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2013. Curiosamente, na mesma época que Deák, mas em outro canto do planeta, nos EUA, Flávio Villaça chegaria a uma definição bastante próxima do conceito de localização. Neste texto, me permito cotejar as duas análises para detalhar o conceito mais potente para uma correta interpretação do urbano no capitalismo atual, conceito este, vale destacar, fruto de uma reflexão genuína de dois intelectuais da FAUUSP.

<sup>2</sup> Deák se aproxima neste ponto de análise dos regulacionistas franceses, notadamente Aglietta, que utiliza os termos estágios extensivo-intensivo de desenvolvimento, sem tanto conceituá-los, mas fugindo também, assim como Deák, da periodização clássica marxista.

O estágio extensivo de acumulação representa o momento em que se expandem e consolidam os processos capitalistas de industrialização e de urbanização, avançando sobre o meio físico (o território, as matérias-primas, as fontes energéticas) e humano (a mão de obra, os mercados de consumo, etc.), o que correspondeu, nos países centrais, a todo o período posterior à revolução industrial – incluindo o conturbado rearranjo colonial para a expansão industrial e comercial – até a grande depressão dos anos 30 e a Segunda Guerra. Ele se esgota quando esse processo, de grande poder predatório, chega ao seu limite, não só pela finitude do meio físico mas também pela realização, ainda imperfeita, da organização social e espacial que lhe dá suporte. Completam-se os processos de industrialização, de urbanização, de assalariamento, porém com antagonismos e entraves que exigem, para a sobrevivência do processo de acumulação e sobretudo de produção de excedentes, uma racionalização do sistema econômico, político e social. Nos países centrais, ela se traduziu economicamente pela adoção do keynesianismo e, ideologicamente, pelo advento da social-democracia e suas variantes.

O estágio de acumulação intensivo alavancou naqueles países um ciclo virtuoso, os chamados *trinta gloriosos*, um “intermédio” no capitalismo predatório, como explica Piketty<sup>3</sup>, em que os ganhos do trabalho e da produção superaram os rendimentos do capital. Mas bem sabemos que esse estágio também se esgota, quando o sistema capitalista entra no que Deák acertadamente identifica como uma crise de superprodução, e que a ideologia rotulará de globalização. A formamercadoria necessita ampliar-se sempre mais, e sua expansão mundo afora se dá por outros ditames, já sob a égide ideológica do discurso neoliberal e da tentativa de fazer com que os Estados Nacionais assumam a absorção dos excedentes.

Essa análise do capitalismo mundial, que no livro não segue necessariamente esta ordem, nos leva a entender com mais clareza a inserção do Brasil nesse sistema. A *acumulação entravada* se origina na lógica colonial de expatriação das riquezas, e a independência é tão somente a internalização dessa lógica – no que Deák se aproxima da boa explicação faoriana sobre o estamento colonial –, mantendo-se a estrutura do nosso sistema de expatriação dos excedentes como meio de sustentação da *sociedade de elite*. Nesse ponto, discordo um pouco do entendimento sobre o caráter exclusivamente endógeno na condução desse processo, já que no meu ponto de vista a satisfação dos interesses das elites internas só pode ocorrer pela sua opção inequívoca em associar-se, permanentemente, às forças hegemônicas do capitalismo internacional. Mas o fato é que, como coloca Nuno Fonseca em sua primorosa apresentação, que vale, por si só, atenta leitura, “*evitamos o pleno desenvolvimento como forma de manutenção da própria formação social*”.<sup>4</sup>

Acontece que, como também resume Fonseca, “*o Brasil, ao ingressar no estágio extensivo do capitalismo, não utiliza os excedentes gerados para acumulação e ampliação da produção. Ao contrário, se desfaz de parte do excedente*”.<sup>5</sup> Ou seja, nosso capitalismo chega ao esgotamento desse período sem ter-se constituído como tal, no que Deák se alinha com a clássica interpretação da contrarrevolução de Florestan Fernandes. Fatores como o baixo nível de reprodução da força de trabalho – que alguns autores também chamam de *industrialização com baixos salários* –, a infraestrutura precária e seletiva na sua distribuição (apenas para alguns), determinam a lógica da sociedade de elite e do urbano no Brasil. De tal forma que, por assim dizer, “pulamos” o estágio intensivo de acumulação, caminhando diretamente para a crise. Essa

<sup>3</sup> Thomas Piketty, *O capital no século XXI*, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

<sup>4</sup> Csaba Déak, *Em busca das categorias da produção do espaço*, São Paulo: Annablume, 2016: 15.

<sup>5</sup> Déak, *Em busca das categorias da produção do espaço*, 14.

interpretação serve, evidentemente, para entender as lógicas peculiares da produção do espaço e formação do urbano no Brasil, que se traduz, simplificando, no fato de que o paradigma “país pobre, infraestrutura precária”, segundo Deák, “reproduz a fragilização da estrutura produtiva no nível físico” e, portanto, no urbano. A “década perdida” dos anos 80 corresponderia ao momento em que, tendo generalizado a industrialização, o assalariamento (embora com metade apenas da mão de obra formalizada, o que é sintomático), e também nossa urbanização (mesmo que com grande precariedade), supostamente deveríamos alavancar a passagem para o estágio intensivo.

Dali em diante, o dilema passa a ser a opção entre a condução ao estágio intensivo em sua plenitude ou... a continuidade do entrave, o que não deixa de nos lembrar o clássico dilema retomado por Sampaio Jr., “entre a nação ou a barbárie”<sup>6</sup>. A questão é: seria esse realmente um dilema, em que a primeira opção é politicamente realizável? Ou estamos face a um impasse intransponível, pois ela significaria uma utópica mudança radical da lógica da sociedade de elite? Se o modelo social-democrático foi, nos países centrais, a forma política assumida em uma sociedade burguesa quando entra em seu estágio de desenvolvimento intensivo, no Brasil ela ainda é, segundo Deák, um “carro na frente dos bois, ou melhor, um carro sem bois (o estágio intensivo), uma expressão vazia com puros propósitos demagógicos”. E, nesse contexto, a tão propalada globalização “torna-se um instrumento de manutenção do status-quo da sociedade de elite”.<sup>7</sup> Uma análise que parece bastante pertinente ao sombrio momento que o Brasil vive.

Este livro, que já nasce clássico, é de leitura imprescindível.

<sup>6</sup> Plínio de A. Sampaio Jr, *Entre a nação e a barbárie*, Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>7</sup> Deák, *Em busca das categorias da produção do espaço*, 188.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEÁK, Csaba. *Em busca das categorias da produção do espaço*. São Paulo: Annablume, 2016. 204 p.

FERREIRA, João Sette Whitaker. “Notas sobre a visão marxista da produção do espaço urbano e a questão da *renda da terra*”. In: *Sistematização crítica da produção acadêmica*. 196 p. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2013.

PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Tradução de Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 669 p.

SAMPAIO Jr., Plínio de Arruda. *Entre a nação e a barbárie: os dilemas do capitalismo dependente em Caio Prado, Florestan Fernandes e Celso Furtado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 254 p.

---

### João Sette Whitaker Ferreira

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/0443560420428149>

[whitaker@usp.br](mailto:whitaker@usp.br)